

O mecenato intelectual de Cândido Mendes de Almeida

Cândido Antônio José Francisco Mendes de Almeida, professor, advogado, sociólogo, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi um raro exemplo de intelectual mecenas, empenhando seu prestígio e influência na defesa da educação de excelência e do trabalho intelectual livre e independente. Professor em importantes instituições brasileiras (como a PUC-Rio e a FGV) e estrangeiras (como Harvard, Stanford e Columbia), o terceiro Conde Mendes de Almeida – título concedido pelo Vaticano e herdado de seu avô, fundador das Faculdades Cândido Mendes – se destacou por sua obra sobre a construção nacional e democrática do Brasil, e por sua atuação internacional, voltada para os fundamentos da cooperação entre os países do sul.

Formado em Direito e em Filosofia, Cândido Mendes integrou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), onde, ao lado de nomes como Hélio Jaguaribe, Alberto Guerreiro Ramos e Roland Corbusier, ajudou a correlacionar criticamente o problema nacional brasileiro com as grandes correntes do pensamento ocidental, recusando o dependentismo colonial (Jaguaribe, 2005, p. 35). O mesmo espírito esteve presente na criação do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, em 1961, este sob sua direção. Inspirado pela Política Externa Independente, de Jânio Quadros e João Goulart, o IBEAA tinha como principal função assessorar a presidência nas relações entre Brasil e África, sem interferência e pressão do colonialismo português. O Instituto contribuiu para a formação de uma política de relações comerciais com a África, através das reuniões de debate sobre relações econômicas Brasil-África, iniciadas em abril de 1962. A criação de um órgão de produção de conhecimento exclusivamente sobre África e Ásia, diretamente ligado à Presidência da República, tornou-se um marco fundador da contribuição do governo para os estudos africanos, fermentando este campo no Brasil (Schlieckmann, 2015, p. 20).

Com a instauração da ditadura militar, Cândido Mendes abrigou perseguidos políticos, e denunciou com severidade os casos de tortura, valendo-se da proximidade de sua família junto à Igreja Católica e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Após o AI-5, seu trânsito entre a cúpula e a inteligência do regime autoritário propiciou um guarda-chuva

institucional que atraiu intelectuais cerceados pelo ambiente de vigilância nas universidades públicas, transformando o então Conjunto Universitário Cândido Mendes em um dos centros de ciências sociais mais dinâmicos do país, reconhecido por sua autonomia e liberdade. Isto foi possível graças ao engajamento pessoal de Cândido Mendes na fundação e no patrocínio de dois espaços fundamentais das Humanidades nacionais.

Criado em 1969, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) em pouco tempo promoveu uma renovação nas ciências sociais, combinando análise rigorosa de dados e a interpretação histórica de uma forma que, para Simon Schwartzman (2010), “abria um novo horizonte entre o autoritarismo conservador e o radicalismo ingênuo, então predominantes na produção intelectual do país”. Abrigando dois dos primeiros programas de mestrado e doutorado em ciência política e em sociologia do país, o IUPERJ teve papel determinante na criação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), ao longo da década seguinte.

Em 1973, mesmo ano da segunda missão do governo brasileiro à África, Cândido Mendes retomou o projeto do IBEEA, extinto pelos militares, e o transformou no CEAA, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, adaptando-o para a realidade de uma instituição privada, o Conjunto Universitário Cândido Mendes – transformado em universidade em 1997. Sem estar subordinado ao governo, e protegido pelas boas relações de seu diretor junto à cúpula do regime, o CEAA já nasceu com total autonomia de pesquisa sobre temas então impensáveis, como por exemplo, a utilização do marxismo como instrumento de análise teórica e o estudo da China Comunista.

Além da liberdade de pesquisa, o novo espaço seria marcado pelo ambiente experimental, inovador, aberto, diverso e polifônico, articulado com públicos historicamente excluídos da universidade. Graças a Cândido Mendes, desde seus primeiros anos o centro ofereceu cursos sobre revoluções africanas, e recebeu revolucionários bem-sucedidos, como no caso da delegação de Guiné-Bissau, recepcionada em um evento organizado pelo CEAA, no Rio de Janeiro, no auge da ditadura militar (Maia, 2020, p. 61). Pela mesma razão, e na mesma época, o CEAA se tornava o “almoxarifado” do movimento negro carioca, acolhendo militantes, ali a salvo de perseguições; promovendo reuniões semanais em sua sede – os “encontros aos sábados” -; circulando saberes de África e diáspora através de

sua biblioteca e cursos de extensão; tornando possíveis discussões anticolonialistas e antirracistas em um ambiente vibrante, como nenhum outro espaço do gênero.

A atuação internacional e diplomática de Cândido Mendes também ajudou o CEAA a realizar grandes projetos de cooperação técnica e cultural com Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde; a enviar seus pesquisadores em missões no exterior; a desenvolver estudos sobre os planos de desenvolvimento de países como Camarões, Congo, Argélia e Egito; a costurar financiamentos com a Fundação Ford, e com órgãos como o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), a SUBIN (Secretaria de Coordenação Técnica e Econômica Internacional) e a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos).

Por sua vez, a consolidação do CEAA e do IUPERJ ampliou o prestígio e os convites internacionais recebidos por Cândido Mendes, em suas missões na ONU e na UNESCO, onde se tornou membro do Conselho de Cooperação Educacional com a América Latina, presidente do Comitê de Programas do International Social Science Council, órgão representativo das organizações não-governamentais de ciências sociais, e presidente da Associação Internacional de Ciência Política. Manteve-se por muitos anos como diretor do CEAA e do IUPERJ, um cargo formal, uma vez que jamais interferiu em suas atividades acadêmicas e nas decisões de seus professores e pesquisadores. Foi Reitor da Universidade Candido Mendes até o dia de sua morte, em 17 de fevereiro de 2022, aos 93 anos.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; LARRETA, Enrique Rodríguez (orgs). **Candido Mendes, a aventura da consciência**: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008.

JAGUARIBE, Hélio. O ISEB e o desenvolvimento nacional. In. TOLEDO, Caio Navarro (Org.). **Intelectuais e política no Brasil**: a experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Editora REVAN, 2005.

MAIA, Jorge Lucas. **Trânsitos sul-atlânticos**: o Centro de Estudos Afro-Asiáticos e a circulação de referenciais de cultura negra na diáspora africana. Dissertação (Mestrado

em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2020.

SCHLICKMANN, Mariana. **Uma ponte entre o governo brasileiro e o continente africano**: a construção das relações políticas e econômicas entre África e Brasil no século XX e os estudos africanos. *História e Economia: Revista interdisciplinar*, v. 15, nº. 2, pp. 15-38, 2015.

SCHWARTZMAN, Simon. **Passado e futuro do IUPERJ**. Simon's Site, 2010. Disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/passado-e-futuro-do-iuperj/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Julho de 2023

Alexandre de Paiva Rio Camargo

Camila Gonçalves De Mario